ARTE RUPESTRE BRASILEIRA

múltiplas visões

Gabriel F. de Oliveira
Leandro Paiva
Michel Justamand
Vitor Almeida
org.



Gabriel F. de Oliveira
Leandro Paiva
Michel Justamand
Vitor José Rampaneli de Almeida
Organizadores

ARTE RUPESTRE BRASILEIRA

múltiplas visões

UFAM

ALEXA
Embu das Artes - SP
2022

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

© by Alexa Cultural

Direção
Gladys Corcione Amaro Langermans
Nathasha Amaro Langermans
Editor
Karel Langermans
Capa
Fabíola Rosa
Revisão Técnica
Antônio Carlos Batista de Souza e Michel Justamand
Revisão de língua
Ana Paula Bastos da Silva e Vânia Cristina Cantuário de Andrade
Editoração Eletrônica
Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O048 - OLIVEIRA, G. F.
J096 - JUSTAMAND, M.
P425 - PAIVA, Leandro
A447 - ALMEIDA, V. J. R.

Arte rupestre brasileira. Gabriel F. de Oliveira, Leandro Paiva, Michel Justamand e Vitor José Rampaneli de Almeida (orgs). Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2022.

14x21cm -328 páginas

ISBN - 978-85-5467-232-4

1. Arqueologia - 2. Brasil - 3. Arte Rupestre - 4. História da Arte
I- Sumário - II Bibliografia

CDD - 361.981

Índices para catálogo sistemático:
1. Arqueologia
2. Arte Rupestre
3. História da Arte

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610
É proibida a reprodução parcial ou integral sem a autorização das organizadores e/ou editora.
As editoras Edua e Alexa Cultural, bem como os organizadores desta obra, não possuem responsabilidade ou gerenciamento acerca de dados, informações ou comunicações ora descritos nesta obra.

Alexa Cultural Ltda
Rua Henrique Franchini, 256
Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140
alexa@alexacultural.com.br
alexacultural@terra.com.br
www.alexacultural.com.br

Editora da Universidade Federal do Amazonas
Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos,
n. 6200 - Coroado I, Manaus/AM
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Centro de Convivência – Setor Norte
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290
E-mail: ufam.editora@gmail.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO
Lendo a Arte Rupestre Brasileira
Mara Barreto Sinhosewawe Xavante
- 11 -

APRESENTAÇÃO
MÚLTIPLAS VISÕES RUPESTRES
Gabriel F. de Oliveira, Leando Paiva, Michel Justamand e
Vitor José Rampaneli de Almeida
- 15 -

OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NA CHAPADA DIAMANTINA - BAHIA: As impressões rupestres da Serra das Paridas
Antoniel Neves Cruz e José Rubens de Souza Cardoso
- 23 -

REGISTRO RUPESTRE E EPISTEMOLOGIA
Celito Kestering
- 33 -

ARTE RUPESTRE E CHARGE: UMA RELAÇÃO CONSTRUÍDA NO TEMPO...
Cidiclei Alcione Biavatti e Marina Haizenreder Ertzogue
- 59 -

MAPAS, CARTÕES POSTAIS E ESCUTA
Fabíola Rosa
- 87 -

ARTE RUPESTRE EM UMA PERSPECTIVA AMBIENTAL
Felipe de Sousa Soares e Giovanna Neiva Luz
- 99 -

A JANELA SE ABRE EXPANDINDO O CENÁRIO RUPESTRE PAULISTA
Luana Tognetto Alberto
- 113 -

ARTE RUPESTRE PRÉ-HISTÓRICA: Algumas medidas de conservação
Maria Conceição Soares Meneses Lage, Ana Luisa Nascimento e Welington Lage
- 143 -

A ECONOMIA ANCESTRAL E OS REGISTROS RUPESTRES
Michel Justamand, Ana Cristina Alves Balbino, Cristiane de Andrade Buco, Gabriel Frechiani de Oliveira, Vitor José Rampaneli de Almeida e Leandro Paiva
- 161 -

PRÉ-HISTÓRIA E CULTURA MATERIAL
Pedro Paulo A. Funari
- 191 -

NAS ASAS DO PIAGA ALADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE BIOMORFOS E FIGURAS ALADAS NA ARTE RUPESTRE PIAUIENSE
Rafael Nolêto
- 205 -

O INTRINCADO CAMINHO DA ARQUEOLOGIA COGNITIVA: CONCEITOS, EVOLUÇÃO E HIPÓTESES
Valdeci dos Santos Júnior, Carlos Rios, Gabriel Lima do Vale, Daline Lima de Oliveira, Maria de Lourdes Oliveira Monteiro e Rafaele Alexandrina da Paz
- 254 -

OS GRAFISMOS RUPESTRES NO NORTE E CENTRO DE MINAS GERAIS: HISTÓRICO DE PESQUISA, ABORDAGENS E CARACTERIZAÇÕES
Vanessa Linke
- 251 -

A REPRESENTAÇÃO DO PAMPATHERIUM NAS PINTURAS RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA – PI E SUAS RELAÇÕES COM O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO BRASILEIRO
Alexandre Montanha Rodrigues Pereira e Vitor José Rampaneli de Almeida
- 289 -

POSFÁCIO
Carolin Overhoff Ferreira
- 307

SOBRE AS/OS AUTORAS/ES
- 311 -

SUGESTÕES DE LEITURA
- 317 -

REGISTRO RUPESTRE E EPISTEMOLOGIA

Celito Kestering

INTRODUÇÃO

Com o surgimento de vários cursos de Arqueologia no Brasil, muita informação se está a produzir e divulgar sobre sítios portadores de painéis rupestres, que em profusão se encontram em toda a América Latina. Obtém-se, assim, é bem verdade, muita aprendizagem sobre esses fragmentos conservados do sistema pré-histórico de comunicação. Há constante preocupação com o aferir, contudo, se o conhecimento gerado a partir deles tem valor científico ou limita-se a romântica quimera literária. Não há, importa que se diga, como averiguar seu nível de cientificidade sem noções basilares de Filosofia, Antropologia e, Epistemologia sobretudo.

Quando estudei Filosofia, na década dos setenta do século passado, estava muito em voga o Estruturalismo. Tanto era que os professores, ao invés de enfatizarem o estudo da lógica clássica, aristotélico-tomista, preferiam incentivar a adoção dessa inovação filosófica como referência básica para compreensão e ordenamento da realidade material e espiritual dos estudantes. Nessa época eu aprendi a pensar e gerar conhecimento, estribado no sistema binário.

Na academia estudavam-se, com sofreguidão, Jacques Lacan, Roland Barthes, Jacques Derrida, também Gilles Deleuze, Michel Foucault e, singularmente, Claude Lèvi-Strauss. Desse antropólogo francês fiz-me herdeiro, na compreensão de que, em posse de estrutura mental única, essencialmente binária, o *Homo sapiens*, independentemente de ser pré-histórico, antigo, medievo, moderno, contemporâneo ou pós-moderno, para orientar-se na vida, elabora conhecimentos míticos e/ou científicos, com a adoção de parâmetros conceituais diametralmente antagônicos. Para orientar-se precisa ter a noção precisa dos opostos, leste e oeste. Para nortear-se, a ideia clara do setentrião e sul.

Não estaria completa esta introdução se não lembrasse que Aristóteles, com o pressuposto subliminar da estrutura mental binária, afirmava já antes da era cristã, que os humanos, por serem animais essencialmente políticos e naturalmente insatisfeitos, edificam modelos de sociedade, pelos quais lutam ou abstém-se de pugnar. Com-

plementa-se a com a lembrança de que, no primeiro livro da bíblia, elaborado com fundamento religioso, ou mitológico, evidencia-se a mesma estrutura mental binária, quando o escritor apresenta Deus a cobrar de Adão um posicionamento político identitário.

> E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: **Onde estás?** (grifo nosso). E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. (GÊNESIS, 3, 8-10).

Em vista disso, penso não haver como abordar temáticas concernentes à Epistemologia e, por extensão, a qualquer ciência, sem tratar primeiramente da definição política do cientista porque, sua estrutura racional e, por dilatação, paradigmática, edifica-se sobre um modelo político identitário subjacente, sentido maior de sua existência. Com o padrão estruturalista de compreender a realidade, reconhece-se o cenário político da América Latina constituído de dois modelos antagônicos quais são; o colonialista que, pela concentração de poder, estriba-se em estrutura de linearidade vertical ou piramidal e o autossustentável que, pela partilha serve-se de ordenamentos horizontais ou circulares.

REGISTRO RUPESTRE E EPISTEMOLOGIA

É prudente estudar registro rupestre com a preocupação de o conhecimento gerado e divulgado, ser cientificamente consistente e útil, para ter com isso, valor acadêmico e, sobretudo social, porque, em última instância, é a sociedade quem financia a pesquisa. Para tal, necessita-se analisar o sistema de conceitos que se adota, o método que se aplica e a correlação lógica entre ambos, na produção do saber novo, da novidade que se difunde. Lembra-se que a autoavaliação é fundamental nesse processo porque, para produzir-se saber novo não se relacionam objetos, mas sim, ideias que sobre eles concebem-se a partir do suporte econômico, modelo político identitário, estrutura mnemônica (marcadores de memória), suporte mental (valores, emoções) e atributos físicos (hormônios, nervos, fisiologia) dos pesquisadores.

> No processo de aprendizagem, a assimilação da realidade externa, para a produção de conhecimentos, depende da estrutura genética dos indivíduos e da estrutura mnemônica dos grupos. As estruturas mnemônicas são arquivos de memória pelos quais se reconhecem os traços funcionais essenciais dos objetos. Assim, a capacidade

> de perceber e reproduzir imagens depende, em última instância, de disposições físicas e de potencialidades desenvolvidas pelos indivíduos, no contexto social e ambiental. Vê-se o que se está condicionado a ver. Percebe-se e incorpora-se aquilo que se associa com as estruturas mnemônicas. (KESTERING, 2007, p. 33).

Assim, é fato que, tanto os autores do registro rupestre, quanto seus pesquisadores, ao elaborarem sistemas de conceitos para ordenaram a realidade essencialmente caótica, para usufruto de conforto existencial representaram-no e interpretam-no, respectivamente, com fundamento em suas estruturas econômicas, políticas identitárias, mnemônicas, físicas e mentais. Observe-se que as ideias não são, por isso, estáticas (engessadas). Pelo estreito vínculo que possuíam com os autores e, similarmente têm com os pesquisadores, elas evoluíram na pré-história e modificam-se hoje, pela constante incorporação de significados e significâncias, conforme o contexto pessoal, social e ambiental a promover mudanças na estrutura pessoal e no modelo político identitário social.

Por oportuno ilustrar, exemplifica-se com gravura rupestre da Pedra do Letreiro, geoforma de arenito da Bacia do Parnaíba, junto ao distrito de Angico dos Dias, Campo Alegre de Lourdes, extremo norte da Bahia, para evidenciar mudanças que, em minha vida ocorreram sobre o conceito da divindade mor da religião cristã. (Fig. 1).

Figura 1 - Gravura rupestre em rocha arenítica de Angico dos Dias, Norte da Bahia



Foto: Acervo fotográfico do autor (2019)

Quando menino, na catequese aprendia-se que Deus era "espírito perfeitíssimo, eterno, criador do céu e da terra" (SLATER, 1959), conforme definira o Concílio de Trento, fundamentado muito mais na

filosofia grega que na mensagem bíblica. A ele agregava-se o modelo político identitário, imposto pela Cristandade. A quem não moldasse seu padrão atitudinal ao paradigma apresentado fechavam-se os portões de acesso ao usufruto da vida temporal (terrena) e eterna (celestial).

> Igreja e Estado, base da Cristandade dominaram a vida social, política, econômica, cultural e simbólica, onde esse modelo foi implantado. Essa construção da Cristandade enquanto modelo eclesial de poder aconteceu quando a Igreja, buscando expandir seus interesses, manteve uma relação de dominação sobre a sociedade civil mediada pelo Estado. (OLIVEIRA, 2011, p. 315).

Para ratificar o modelo de sociedade que desejavam, os imperadores e a Igreja Católica a eles vinculada, construíam igrejas com estruturas que indicassem o altíssimo céu como prêmio a alcançarem pelos sacrifícios que durante a vida fizessem os fiéis. (Fig. 2). No interior deles realizavam-se rituais litúrgicos e transmitiam-se ensinamentos, a fomentarem obediência absoluta às autoridades constituídas (civis, eclesiásticas e militares). (Fig. 3).

Figura 2 - Tempo medieval, edificado conforme modelo da Cristandade



Fonte: iStock (2022), adaptada pelo autor

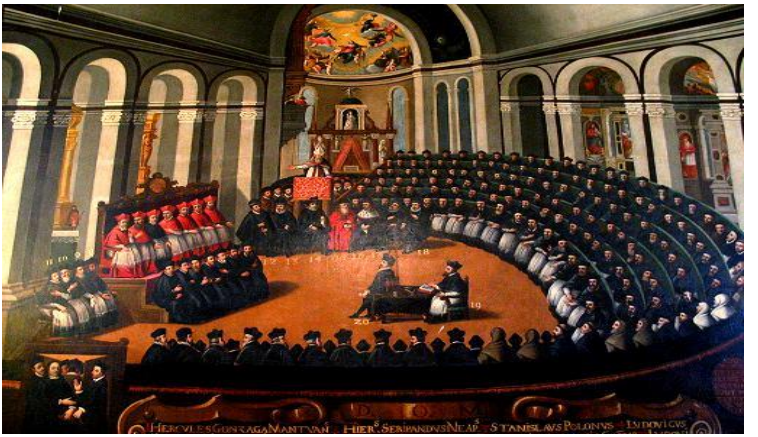
Figura 3 – Missa de costas para o povo



Fonte: Azevedo (2018 *apud* Kestering, 2018, p. 102), adaptado pelo autor

A Cristandade implantou-se com Constantino I, no Século III. Solidificou-se com o Concílio de Latrão, no Século XII. Reafirmou-se com o Concílio de Trento, no Século XVI, realizado para organizar a Igreja Católica contra a reforma protestante que, com apoio do poder econômico germânico feudal, Lutero promovera. (Fig. 4).

Figura 4 – Concílio de Trento



Fonte: Aquino (2018 *apud* Kestering, 2018, p. 100)

Como os mitos de todas as religiões, o horizonte conceitual da divindade de Trento e de Lutero vinculava-se ao conceito de eternidade. Pressupunha que, ao desabrocharem para a vida, os humanos, herdavam uma centelha dele, a alma, que deveria retornar a ele, **no altíssimo céu**, quando findassem suas efêmeras existências terrenas. Para retornarem ao seio do criador, os degredados filhos de Eva teriam que acreditar em

verdades pontificadas como dogmas, pelo papa, santo e infalível representante do altíssimo Deus, no planeta habitável.

Para salvarem sua alma, deveriam cumprir normas claras, materializadas em sacramentos que se traduziam como sinais sensíveis da presença e da graça dele. Quem pretendesse salvar-se teria que cumprir dez mandamentos de sua lei, sete sacramentos, os cinco mandamentos da Igreja e os cinco preceitos de uma boa confissão, quando cometesse qualquer deslize que o deixasse impuro. A quem não o fizesse expurgava-se do convívio religioso como herege (*anatema sit)* ou condenava-se ao fogo eterno de **profundíssima** Geena, caso não se arrependesse e confessasse-se pecador, conforme os cinco preceitos claros do ritual: exame de consciência, arrependimento, propósito, acusação e penitência.

A organização social da Igreja de Trento fundamentava-se na estrutura e no modelo identitário imperialista romano. O papa gozava do prestígio de imperador. Tinha obreiros que, mais pela confiança que pela competência, agiam próximos a ele ou junto às almas dos fiéis. A confiança eternizava-se no ritual de iniciação, no sacramento da ordem. Construíram-se, para isso, no mundo todo, seminários menores e maiores que tinham o objetivo maior de preparar meninos, jovens e adultos, para imprimir neles o caráter indelével e eterno de sacerdotes, obreiros da Igreja.

Na adolescência, por influência do Concílio Vaticano II, concebeu-se e propôs-se a todas as dioceses e paróquias do mundo, a adoção da divindade mor com atributos de bondoso pai, a reconhecer, terna e eternamente como filhos, todos os humanos, batizados ou não. Por essa razão, ensinava-se que guiava seus passos e tudo que fizessem na vida. Doutrinava-se que ele não queria a morte dos pecadores. Queria, sim, que se convertessem para viver em plenitude, neste mundo (temporal) e no outro (eterno). A ele vinculava-se um modelo político identitário de adaptação dos seguidores de Cristo, às demandas científicas e sociais, para auferirem, com os diferentes, qualidade universal de vida, pela implantação do Reino que Jesus sonhara.

> A intenção fundamental do Concílio Vaticano II foi atualizar a ação salvífica da Igreja no mundo moderno. Isto significou uma ruptura corajosa e difícil com o passado, pois ao retomar o diálogo com a sociedade e com o mundo do trabalho, da ciência, da técnica e das culturas, foi necessário um novo paradigma de compreensão da própria Igreja. (PUC-RIO, SD, p. 29).

Quando em minha juventude, o episcopado latino americano, reunido no Congresso de Medellín, na Colômbia, enfatizou os atributos do revolucionário Deus de Paulo XVI. Apresentou-se, então, uma divindade a exigir a libertação das massas marginalizadas da sociedade. A Igreja Católica Apostólica Romana pós-conciliar estava a fomentar a inserção da Igreja nos movimentos sociais da América Latina. Propunha radicalizarem-se as metáforas evangélicas da luz e do sal. Os cristãos comprometidos com a utopia de Jesus Cristo tinham, então, que demonstrar maior preocupação com os problemas sociais do que com a conversão dos gentios. A eles apresentava-se o modelo político identitário da justiça social, do direito universal à vida em plenitude. (Fig. 5 e 6).

Figura 5 - Templo edificado conforme modelo identitário do Concílio Vaticano II



Fonte: Diário do Sul (2015)

> A Igreja Latino-Americana tem uma mensagem para todos os homens que neste continente têm fome e sede de justiça. O mesmo Deus que criou o homem a sua imagem e semelhança, criou a terra e tudo o que nela existe para uso de todos os homens, e de todos os povos, de modo que os bens criados possam bastar a todos de maneira mais justa (GS 69), e dá poder ao homem para que solidariamente transforme e aperfeiçoe o mundo. (Gên. 1,29). É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos envia seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens, de todas as escravidões a que o pecado os sujeita: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra, a injustiça que tem sua origem no egoísmo humano. (Jo. 8,32-34). Por isso, para nossa verdadeira libertação, todos os homens necessitam de profunda conversão para que chegue a nós o «Reino de justiça, de amor e de paz». (DOCUMENTO DE MEDELLIN, 1968, p. 3 e 4).

Figura 6 - Ritual da missa, em estrutura circular, conforme Concílio Vaticano II



Fonte: Guides Connect (2018)

Nos anos mais recentes, aprendi a reconhecer, com grande simpatia, as divindades do Toré, genuíno ritual religioso, político e identitário dos grupos nativos. Vez em quando, membros do povo Truká realizam rituais de sua tradição, junto à Serra do Olho d'Água, no Município de Sobradinho - BA, como normalmente o fazem vários grupos remanescentes indígenas do Médio e Submédio São Francisco, junto a boqueirões e grotas onde se preservam painéis de registro rupestre. (Fig. 7). Há vários que não assumem mais a identidade indígena, mas dizem "descender de uma bisavó nativa, pega a dente de cachorro."

Figura 7 – Indígenas Truká, em ritual identitário do Toré



Foto: Acervo fotográfico do autor (2014)

> Para eles, os boqueirões [e as grotas] são lugares sagrados onde dizem morar os espíritos de seus ancestrais indígenas. Para chamar pelos espíritos dos ancestrais, grupos de pessoas do Povoado de São Gonçalo da Serra e de povoados vizinhos reúnem-se periodicamente, nas proximidades da entrada norte do Boqueirão. Ali realizam a dança do Toré, cantando hinos do catolicismo tridentino. Dizem que, em tempos remotos da história, a dança do Toré era realizada dentro do boqueirão (...), onde a vegetação é escassa e o sedimento, composto de areia fina. (KESTERING, 2001, p. 49).

Em várias lutas contra injustiças promovidas por empresas colonialistas, aprouve-me congregar brancos, negros e indígenas, de religiões e crenças diferentes, para o enfrentamento conjunto de problemas. Nesses encontros de interesses convergentes rompia-se, inexoravelmente, o sectarismo etnocêntrico de cada uma das crenças para unirem-se efetivamente no encorajamento de trabalhadores diversos, em luta pela conquista de direitos comuns. Poucos vivem essa experiência de divindades plurais. Em rituais de Toré, ajudei a invocar os espíritos dos ancestrais encantados. Aprendi a relativizar o mito judaico cristão que, na infância eu acreditava ser único, verdadeiro e absoluto, para compreender e respeitar as divindades, outrora deles, hoje nossas.

No gesto da partilha, que a relativização do deus **altíssimo** e absoluto propiciava, eu sentia a presença salvífica do Cristo ressuscitado que João XXIII pretendia para as comunidades de base da Igreja Católica Apostólica Romana pós-conciliar. Assim, para que os conhecimentos que produzo hoje, tenham caráter científico e utilitário, precisei abandonar os preceitos epistemológicos e metodológicos da Arqueologia puramente descritiva e técnica, estribada no conceito de *archaios* que se traduz como **velho ou antigo**. Quando fazia pesquisas fundamentadas neste perfil paradigmático, mantinha ainda afeição pela busca das origens judaicas e cristãs. O máximo que consegui foi descobrir a origem e a evolução do mito criado por Akenaton e aperfeiçoado por Moisés, como suporte ideológico para controle político de seus respectivos súditos. Descobri que todos os horizontes conceituais de deuses **altíssimos**, únicos e verdadeiros tiveram sua origem e efetiva aplicação em sociedades cujos governantes controlavam politicamente multidões, para concretizar sonhos imperialistas pessoais. Exemplo disso foi a divindade de Aton, criada por Akenaton e, por influência dos faraós, adaptada por Moisés, com ajustes à crença original dos patriarcas, com vistas ao modelo político identitário novo, para conquistar a terra prometida, em territórios dos outros (gentios).

Hoje prefiro trabalhar com a Arqueologia fundamentada no termo *arké* que se traduz como **essência ou identidade**. Penso que o produto do estudo do registro rupestre é epistemologicamente forte quando contribui para o fortalecimento da *arké*, traduzida como autoestima e autossustentabilidade econômica, social e ambiental dos marginalizados pelo sistema colonialista. São eles: os grupos nativos e estão a ser seus remanescentes, a quem se integram, com atributos político-identitários comuns, os negros e brancos empobrecidos da América Latina.

> Identidade é o arquétipo a partir do qual os indivíduos e os grupos sociais constroem a ideia de quem são e estabelecem o padrão de relação com outros membros da própria espécie e com o ambiente, para garantir a sobrevivência e o sucesso reprodutivo. Muitas espécies animais possuem atributos físicos que lhes bastam para a sobrevivência. Outras, entre as quais os humanos, por serem despossuídas de aptidões físicas vantajosas em relação às outras espécies e aos fenômenos ambientais, precisam desenvolver técnicas e comportamentos padronizados [como o registro rupestre) para suprir suas limitações. Comportamentos padronizados caracterizam-se como rituais. (KESTERING, 2007, p. 20).

A essência (identidade) dos grupos pré-históricos materializava-se nos gestos e nos padrões comportamentais que se conservam no registo rupestre, nos fragmentos cerâmicos, nos artefatos líticos e nos enxovais de enterramento. Os conceitos dos mitos definidores dos ritos deles, da mesma forma que dos nossos, evoluíram conforme as mudanças que ocorriam na estrutura social. Os ritos representam, assim a essência, a identidade materializada dos grupos.

No processo de realização de artefatos, os padrões motores dos indivíduos imprimem marcas que se conservam e permitem o reconhecimento de atributos que definem a identidade dos grupos. A presença recorrente de formas e técnicas, bem como as relações constantes entre unidades de artefatos e suas distribuições espaciais, sugerem, por isso, padrões gestuais e comportamentais dos autores com as quais se vinculam. O auxílio de outras ciências, para a reconstituição da paisagem e obtenção de cronologias, concorre para a redução da ambiguidade sobre a identidade dos grupos pré-históricos.

Por oportuno, lembra-se que a essência do Cristianismo é a partilha, diametralmente oposta à da Cristandade que era a concentração do poder. Após a morte do mestre, os apóstolos sentiam grandemente sua falta. Eles recorriam, por isso, aos rituais, para fazer presente o ausente

de quem tinham saudade. Nos rituais da partilha, reconheciam sua essência, sua identidade (*arké*), presente no meio deles. O mesmo ritual, de linearidade circular dos primeiros cristãos das catacumbas romanas, por ser estrutural e vincular-se à sobrevivência dos grupos marginalizadas, o Concílio Vaticano II resgatou, após quase dois mil anos de prática marginal ou clandestina. Como não poderá deixar de ser, haverá sempre grupos a defender e perpetuar estruturas políticas e religiosas identitárias colonialistas. O joio e o trigo são metáforas muito bem condizentes com o que representam o colonialismo de **linearidade vertical** e a autossustentabilidade de **fundamentação circular**.

A ciência trabalha com fatos mensuráveis. O mito colonialista, como o de outras religiões, não é mensurável. A partilha o é porque, para ser real e verdadeira tem que se democratizar no pão, no econômico. Se o patrimônio é determinante do ideológico, como defendia Marx, a partilha é científica porque é a materialização efetiva da utopia cristã.

Quando ela acontece, eleva-se o Índice de Desenvolvimento Humano. A felicidade é mensurável, na aferição do índice de alfabetização, da taxa de mortalidade infantil e da expectativa de vida. Assim, nos rituais de partilha, encontram-se os grupos onde se materializa e quantifica-se a identidade nativa e a essência cristã, reciprocamente autossustentáveis. A utopia que os primeiros cristãos acalentavam nas lúgubres reuniões secretas das catacumbas, como atributo mor de sua identidade, a igreja pós-conciliar resgata como incentivo aos cristãos atuais, à implantação do Reino de Deus que os grupos autóctones muito bem definem como a Terra sem Males.

Registro Rupestre de Angico dos Dias

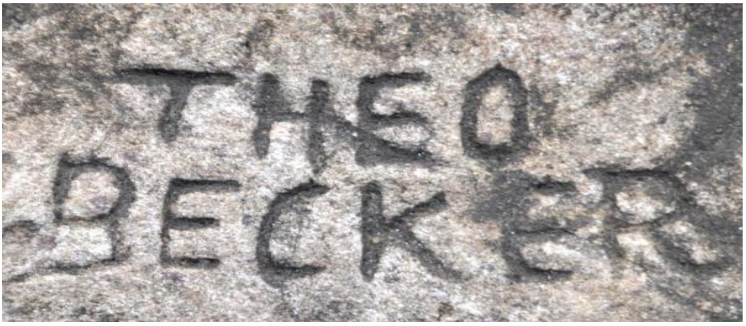
A propósito, quem fez e qual o significado do registro rupestre que se encontrou no morro residual de arenito da Bacia do Parnaíba, junto ao povoado de Angico dos Dias, no município de Campo Alegre de Lourdes, extremo Norte do Estado da Bahia? Apesar de histórico, nele também se preservam atributos da identidade do autor cujo modelo identitário uniformizava-se, **ou não**, com o da sociedade. O conceito de Deus, materializado na gravura não evidencia, porém, qualquer vínculo identitário com a divindade de fundamentação vertical (imperialista ou colonialista), nem tampouco, a de linearidade circular, (partilha ou autossustentabilidade) diametralmente antagônicas. Há, ainda a possibilidade de o autor, por alguma circunstância, ter adotado modelo

político, religioso, alternativo, com atributos e/ou valores ignotos.

Para equacionar o problema que no momento se apresentava, buscou-se desvendar o contexto da gravura, com o pressuposto de que os conceitos (as ideias) se revelam em processo hermenêutico, concomitante e proporcional à compreensão do ambiente e dos personagens a ele integrados ou vinculados. Iniciou-se por identificarem-se outras figuras do entorno, para estudos comparativos, com vistas a encontrar semelhanças e diferenças qualitativas. Acharam-se várias, porém uma despertou particular curiosidade, por evidente diferença com as demais e por vínculo que sugeria ter com o registro da divindade mor da Cristandade ou da Igreja Católica Pós-Conciliar. (Fig. 8).

Buscaram-se referências históricas que contribuíssem para elucidar o problema. Encontraram-se relatos a sugerirem ter sido realizado por um pesquisador prussiano, de nome ainda desconhecido, que, no final do século XVIII ou início da XIX centúria, com financiamento de universidade europeia, teria decidido permanecer na região, em função de encantamento por uma nativa de nome também incógnito. Vive-se a expectativa de que se encontrem evidências que, em nível de probabilidade compatível permitam atribuir-lhe a autoria dos registros em questão. Restará o problema da vinculação de sua identidade com o exato significado da representação. Ela poderá referir-se tanto ao deus **altíssimo** dos colonizadores, quando ao deus da **partilha** dos colonizados, cujos significados são diametralmente opostos. A compreensão deles será, **inevitavelmente subjetiva**.

Figura 8 - Registro rupestre no Morro do Letreiro junto a Angico dos Dias



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2019)

> Alguns desses missionários estrangeiros, aos quais o povo passou a denominar de “gringos” tomaram conhecimento do grande acervo

de pinturas feitas nas paredes das grutas da Serra da Capivara, demonstrando logo grande interesse em conhecê-la bem e, sempre que possível, visitavam aqueles lugares onde havia maior quantidade de pinturas.

A importância que atribuíram às pinturas rupestres, antiquíssimas, e às histórias da existência de cemitérios cujos túmulos se compunham de igaçabas (potes de barro em que eram sepultados os mortos), se revela pelo fato de que espalharam essa notícia também em seus países de origem, pois alguns desses padres vinham da Europa.

A prova de que houve a difusão desse achado arqueológico fica bem patente pelo fato de que, procedendo de um dos países nórdicos, mais provavelmente da Alemanha (ou da Holanda) foi enviado um cidadão, com bolsa de estudos fornecida por uma universidade de um desses países, para proceder ao estudo do sítio arqueológico de que tomaram conhecimento. A tradição guarda bem esse acontecimento. (...)

Por falar língua de gringo e por estar sempre às voltas com livros e anotações, os nativos acreditaram que ele era um padre, especialmente por ser um cidadão pacato e sempre gentil e, também, os padres é que falavam língua estrangeira. Em razão desse equívoco, apelidaram-no de "Padre", e esse foi o nome pelo qual ficou conhecido. Seu nome verdadeiro não se guardou. A tradição reza que ele escrevia relatórios e que, a cada três meses, viajava para colocá-los nos Correios, a serem enviados para a Universidade de seu país de origem. (...)

Por ter como objetivo especial o estudo do acervo arqueológico da Serra da Capivara, preferiu morar com a tribo de índios tapuias cuja oca ficava à beira da serra, no local próximo ao Sítio do Mocó. Os índios passaram a ser considerados por ele como sua família. Pouco contato mantinha com os demais moradores da região. (...)

Como último pagamento recebido da Universidade à qual prestava serviços, veio, também, o dinheiro para suas passagens de volta. Eis que, então, ele comunicou a seus conterrâneos europeus que resolvera não mais voltar, tomando o Brasil como sua nova pátria. Ligara-se por laços de afeição, ao povo da região e, principalmente, aos índios que o acolheram com muita ternura e amizade. Terminou por se casar com uma índia da taba onde passou os anos de pesquisa científica. (DIAS IRMÃO, 2014, p. 18-20).

REGISTRO RUPESTRE PRÉ-HISTÓRICO

Se na comunicação histórica a compreensão das ideias dos emissores é inexoravelmente subjetiva, a interpretação que dela fazem os receptores será também, na mesma proporção, inevitavelmente pessoal, por que submeter a cientificidade do produto da pesquisa sobre registro rupestre ao rigor da objetividade? Por isso, para que seja útil o conhecimento que se produz sobre o sistema pré-histórico de comunicação, há que se refazer o proceder, em relação a sua abordagem. Urge apropriar-se o pesquisador, do referencial teórico e operacional proposto no século XVIII por Viollet- le-Duc.

Influenciado pelas transformações que, com a Revolução Industrial, o Iluminismo e a Revolução Francesa, ocorriam na Europa, esse arquiteto francês foi pioneiro na percepção de que aquele momento histórico representava drástica ruptura com o passado e ameaçava destruir tudo que os ancestrais haviam edificado. Muito embora não tenha se referido ao patrimônio pré-histórico, o sentimento de que ele deve preservar-se adequa-se ao contexto do registro rupestre da América Latina, ameaçado pelo vandalismo destruidor do colonialismo extrativista depredatório, que, no Submédio São Francisco, em meados do século XVII, implantou-se com a cultura do couro. À criação extensiva de gado, sucederam-se a construção de grandes barragens, a implantação de amplos projetos de agricultura e, no momento, a mineração acompanhada pelas usinas eólicas e fotovoltaicas. (Fig. 9 e 10). Diante dos impactos a destruírem o patrimônio material (serras, rios, terraços) e a cultura imaterial (saberes, língua, religião, cultura, tradições) dos grupos de origem nativa, a sensibilidade de Viollet-le-Du precisa fazer-se presente. Urge preservar e restaurar.

> É bem verdade que [como as demais,] a Serra Verde não foi construída e sequer manufaturada por grupos pretéritos, mas foi e é componente de sustentação para várias expressões de vida do Submédio São Francisco. Para Sobradinho ela tem significância e valor pela beleza cênica, pela relação com ritos e mitos, bem como pela sobrevivência de espécies vegetais e animais e da própria população humana. É por isso que, pela complexidade e importância de seus préstimos, sua preservação representa um direito fundamental dos cidadãos Tatauí. (KESTERING, 2022, p. 219).

Figura 9 - Destroem-se as serras, com toda vida que a elas se vincula



Fonte: Kestering (2022, p. 222)

Figura 10 - Destroem-se as serras, com toda vida que a elas se vincula



Fonte: Kestering (2022, p. 223)

> Para preservar, com fidelidade, a memória de um povo, cada edifício, ou cada parte de um edifício deve ser restaurado no estilo que lhe pertence, não somente como aparência, mas como estrutura. (..) É, portanto, essencial, antes de qualquer trabalho de restauração, constatar exatamente a idade e o caráter de cada parte, compor uma espécie de relatório, respaldado por documentos seguro, seja por notas escritas, seja por levantamentos gráficos. (...)
> Nas restaurações há uma condição dominante que se deve sempre ter em mente. É a de substituir toda parte retirada por materiais melhores e por meios mais eficazes ou mais perfeitos. É necessário que o edifício restaurado tenha, no futuro, em consequência da operação a que foi submetido, uma fruição mais longa do que a já decorrida. [O melhor a fazer é] colocar-se no lugar do arquiteto primitivo e supor aquilo que ele faria se, voltando ao mundo fossem a ele colocados os programas [desafios] que nos são propostos. (VIOLLET-LE-DUC, Século XVIII *apud* KESTERING, 2003, p. 54).

Aos fragmentos conservados do sistema de comunicação pré-colonial a mensagem de Viollet-le-Duc parece sugerir não se aplicar à reposição de traços desgastados por agentes de intemperismo, o que representaria falsificação, mas à restauração (ressignificação) dos conceitos, ideias e, sobretudo do modelo político identitário que moveu seus autores a realizá-los.

Abordagem

Para restaurar o modelo político identitário dos autores é preciso reconhecê-los primeiro como entidades. Reconhecem entidades pelos

atributos, propriedades qualitativas e/ou quantitativas que distinguem um membro, de um conjunto. Atributos que permitem o reconhecimento de entidades coletivas são peculiaridades comuns, perceptíveis nos padrões físicos e na cultura material ou imaterial de um grupo. Pode-se, assim, reconhecer grupos pré-coloniais, pela observação de atributos conservados na cultura material a que se integra o registro rupestre.

Para identificar atributos da identidade dos autores abordam-se esses fragmentos do sistema dominantemente pré-colonial de comunicação, com pressupostos teóricos e parâmetros de análise eminentemente estruturalistas. Segregam-se, assim, as unidades gráficas (pinturas e gravuras) pelo critério da cognoscibilidade. Com esse princípio operacional classificam-se suas unidades como conhecíveis ou reconhecíveis.

São conhecíveis as pinturas e/ou gravuras que os pesquisadores identificam como unidades gráficas, no momento de sua visualização porque, de imediato relacionam suas temáticas com algo do universo conhecido. Elas são facilmente identificadas porque representam componentes do mundo sensível como zoomorfos (felinos, cervídeos, equídeos, pássaros, serpentes, quelônios), antropomorfos (de braços abertos, flexionados ou miniaturais), fitomorfos (palmeiras, leguminosas), anatômicos (mãos, pés, braços). Diz-se, por isso que são representações metonímicas. Seus conceitos não transcendem os horizontes do conhecimento dos pesquisadores. Dão-se a conhecer de imediato porque, em relação dialógica hermenêutica com os autores compartilha-se a chave para decodificação ou desvendamento de seus significados, com diferentes níveis de confiabilidade. O grau de fidúcia depende do conjunto de conhecimentos, do contexto desvendado, da capacidade de percepção e/ou do grau de aprimoramento técnico do sujeito cognoscente.

Para a identificação de pinturas ou gravuras reconhecíveis, que não representam realidades conhecidas pelos pesquisadores, inicia-se o processo de reconhecimento ao considerar-se como unidade gráfica um signo ou todo conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não se segregam figuras semelhantes em outros agrupamentos picturais. Elas são, por isso, reconhecidas nas recorrências. Diz-se, por essa razão, que são representações metafóricas. Seus conceitos transcendem os horizontes do conhecimento imediato dos pesquisadores. Seus significados não são herméticos. Podem dar-se a conhecer pelo desvendamento do contexto arqueológico, com anos de exaustivas

prospecções e/ou escavações em determinada região. Quando se evidenciam elementos da cultura material, compartilha-se com seus autores a chave para sua decodificação.

> Todo o conhecimento envolve a relação direta do sujeito cognoscente com algum objeto (a relação de conhecer diretamente ou, conversamente, de apresentação de um objeto a um sujeito cognoscente), mesmo que esse conhecimento seja por descrição de outro objeto. (RUSSELL, 1966).

Há grupos que se inclinam por edificar seu sistema de comunicação com representações majoritariamente metonímicas ou realistas. Outros há que demonstram preferência por representações metafóricas, simbolistas abstratas ou geométricas.

> Pesquisadores como Annette Laming-Emperaire, afirmavam que as figuras representadas nos paredões rochosos traziam informações, as quais eram deixadas de forma consciente ou espontânea pelos homens pré-históricos. Por ter sido fortemente influenciada pelo estruturalismo durante sua formação, Laming-Emperaire procurou estabelecer uma ordem nas representações rupestres, evitando evocar analogias simples, relacionando as pinturas com as próprias sociedades que as produziram. (DUARTE, 2011, p. 17).

Pelo parâmetro da cognoscibilidade dominante, relacionada com longo tempo e amplo espaço, propõe-se atribuir conjuntos de pinturas e gravuras rupestres a grupos ligados a tradições. Assim, filiam-se os grupos com sistema de comunicação majoritariamente metonímico à Tradição Nordeste e os grupos de comunicação soberanamente metafórica, à Tradição São Francisco. Na região Nordeste do Brasil há dominância absoluta de representações metonímicas no Parque Nacional Serra da Capivara que se situa no Vale do Rio Piauí, integrante da Bacia Hidrográfica do Nordeste, e metafóricas, prevalecentes em toda extensão do Vale do Rio São Francisco, onde perfazem “80% a 100% das sinalações”. (PROUS, 1992 *apud* DUARTE, 2011, p. 22).

> [Tradição] compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas [e/ou gravuras] de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes. (MARTIN, 2005 *apud* DUARTE, 2011, p. 21).

Em diferentes ambientes, para auferirem eficaz qualidade de vida e consequente sucesso reprodutivo, provocam-se os grupos ligados a ancestrais comuns a adquirirem padrões comportamentais específicos, desenvolverem técnicas apropriadas e aprimorarem seu sistema de comunicação, com formas inovadoras. Assim as comunidades diversificam-se pela aquisição de atributos resultantes das adaptações ambientais e sociais. As tradições subdividem-se, por isso, em subtradições.

As adequações dos grupos traduzem-se em mudanças temáticas e técnicas do sistema de comunicação, em formas inovadoras dos artefatos líticos e cerâmicos, em habilidades relativas a sua confecção e/ou utilização, em componentes e ordenamento dos enxovais de enterramento e fogueiras, bem como em múltiplas particularidades de outras manifestações culturais. Assim, em território submedial sanfranciscano o patrimônio rupestre de grupos integrantes da Tradição São Francisco, bem como o conjunto de artefatos líticos e cerâmicos possuíam formas peculiares que se definiram pela utilização de técnicas apropriadas, demandadas pelos intercâmbios culturais e pela paisagem local.

> Para segregar a identidade dos grupos pré-coloniais do Vale do São Francisco, busca-se, nas pinturas rupestres, o reconhecimento de padrões. A padronização das ações desses grupos preserva-se nos grafismos rupestres. Ela resulta de um conjunto de ações aprovadas pelo grupo. Tudo o que acontece na vida cotidiana, sem a aprovação do grupo, não passa de expressões fortuitas, sem padronização. (DUVIGNAUD, 1992 *apud* KESTERING, 2007, p. 21).

Os atributos de identidade modificam-se, assim, diante das exigências ambientais e de relações sociais internas e externas dos grupos. Os grupos são sistemas abertos. Eles possuem dinâmicas próprias que promovem trocas genéticas e culturais. É por isso que, mesmo conflituosas, as relações entre grupos sociais suscitam apropriações biológicas e culturais, tanto pelos remanescentes dos vencidos quanto pelos dos vencedores. (FERREIRA NETO *in* CARDOSO e VAINFAS, 1997 *apud* KESTERING, 2007, p. 31). Os grupos de uma mesma espécie precisam estar ligados por cruzamentos. Não havendo mesclas com outros grupos, ao longo do tempo, os indivíduos definham-se e podem até evoluir para uma subespécie, ainda em condições de cruzamento. Se a barreira que impede o cruzamento persistir por muito tempo, a tendência da subespécie isolada é evoluir para outra espécie, o que significa que, se encontrar populações

da espécie original, não se cruzará mais com elas. (WILSON, 1994 *apud* KESTERING, 2007, p. 31).

> Por comporem uma espécie biológica definida, os humanos, formam um conjunto genético fechado. Não trocam *genes* com outras espécies. Os indivíduos de um grupo não podem, por isso, desviarem-se muito dos demais porque precisam intercambiar genes com famílias de outros grupos. (KESTERING, 2007, p. 31).

A transmissão de atributos físicos e culturais integra processos diferentes. Os atributos biológicos transmitem-se nas estruturas genéticas do DNA e os culturais, no processo de ensino aprendizagem. Apesar da característica comum da transmissão de atributos genéticos e culturais, as espécies biológicas diferentes não se cruzam e, quando o fazem, produzem descendentes estéreis, enquanto os atributos culturais resultam de cruzamentos férteis de toda espécie. (GALLAY, 1983; BASALLA, 1991 *apud* KESTERING, 2007, p. 32).

> Grande parte das mudanças nos atributos culturais acontece nas relações pessoais ou grupais. As transmissões de atributos culturais de identidade ocorrem no cruzamento horizontal de informações, quando indivíduos aprendem de seus contemporâneos; vertical, de seus antecessores ou oblíqua, de outras pessoas mais velhas. Quando as informações são transmitidas verticalmente, de pai para filho, ocorrem pouquíssimas mudanças; quando se cruzam no interior dos grupos sociais, são surtis; quando transmitidas entre diferentes grupos sociais, são radicais e, por isso, facilmente identificáveis. (SHENNAN, 2002, p. 304).

Restauração e Ressignificação

Pondera-se que a cognoscibilidade do registro rupestre depende, em última instância, da relação dialógica entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. Haverá sempre objetos que, por sua natureza (essência ou estrutura) e por seus atributos (aparência) serão mais facilmente identificados. Outros, por dependerem da intenção dos autores, do conjunto de conhecimentos, da capacidade de percepção ou do grau de aprimoramento técnico do sujeito cognoscente, serão mais dificultosamente reconhecidos. Assim muitas figuras, reconhecíveis para alguns pesquisadores, são conhecíveis para outros, com maior amplitude de referências ou disponibilidade de recursos técnicos.

Sabe-se que os grupos metonímicos, originais ocupantes do território onde se implantou o Parque Nacional Serra da Capivara, realizavam

registro rupestre com representações majoritariamente antropomorfas, zoomorfas e fitomorfas cujas espécies ou famílias nem sempre, à primeira vista se reconhecem. Para restaurá-las e ressignificá-las, na perspectiva Violletiana, analisam-se painéis com figuras zoomorfas, e compararam-se as com imagens vetorizadas de animais da fauna atual e projeções de formas corporais de espécies extintas, reconstituídas por profissionais da paleoarte [1]. Chega-se, assim à identificação de características que possibilitam a identificação de tatus gigantes (*Glyptodontidae*), toxodontes (*Toxodontidae),* preguiças gigantes (*Eremoterium xenartra*), cavalos (*Equus hippidion*) e outros. Com eles interagiam os grupos pré históricos e desenvolviam atributos identitários necessários a sua autossustentabilidade, ou seja, a sua sobrevivência e sucesso reprodutivo. (Fig. 11 a 15).

Figura 11 - Glyptodontídeo (*Haplophorus euphractus*)



Fonte: Kestering; Souza (2016, slide 15), adaptado pelo autor

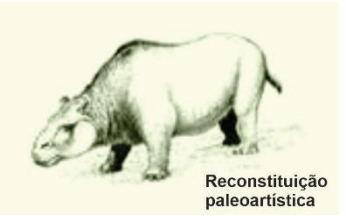
Figura 12 - Cena de caça ao Glyptodontídeo na Toca da Entrada do Baixão da Vaca



Fonte: Kestering; Souza (2016, slide 30), adaptado pelo autor

[1] Com os trabalhos de especialistas que resgatam a forma dos animais da paleofauna a partir dos fósseis, identificam-se animais representados pelos grupos pré-históricos. (KESTERING; SOUZA, 2016, slide 12).

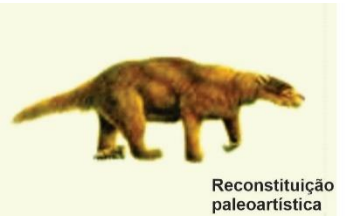
Figura 13 - Toxodontídeo (*Toxodon platensis*)





Fonte: Kestering; Souza (2016, slide 18), adaptado pelo autor

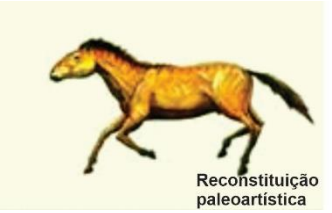
Figura 14 - Eremoterium (*Eremoteium xenartra*)





Fonte: Kestering; Souza (2016, slide 19), adaptado pelo autor

Figura 15 - Cavalo (*Equus hippidion*)





Fonte: Kestering; Souza (2016, slide 22), adaptado pelo autor

De forma semelhante, sobre a temática dominante da Subtradição Sobradinho (estilos São Gonçalo e Brejo de Dentro), realizada recorrentemente (durante milênios) no Submédio São Francisco, por considerar-se reconhecível afirmava-se tratar-se de representação mnemônica de um elemento fundamental à sobrevivência dos grupos pré-históricos da região correspondente. (KESTERING, 2007). Hoje, depois de exaustiva pesquisa para desvendar o contexto do entorno e do boqueirão onde ela é dominante, sobre ela propõe-se provável tratar-se da representação da cascavel (*Crotalus durissus*), abundante na dita geoforma. (Fig. 16).

Enquanto se fazia a coleta de artefatos arqueológicos, observou-se a presença de pequenos animais que compõem a fauna regional. Constatou-se relativa abundância de periquitos (*Aratinga cactorum*), rolinhas fogo apagou (*Columbina squammata*), calangos da caatinga (*Cnemidophorus ocllifer*), lagartixas da caatinga (*Phyllopezus periosus*) e cobras cipós (*Oxybelis aeneus*).

Chamou particular atenção uma jararaca malha de cascavel (*Bothrops erythromelas*) conhecida regionalmente como "jabiraca malha de cascavel". Diz-se tratar-se de uma cobra peçonhenta responsável pela morte de várias pessoas do povoado. Despertou extrema curiosidade o fato de sua estampa corresponder com a temática dominante dos registros rupestres da Subtradição Sobradinho, Estilo São Gonçalo com grande recorrência no Boqueirão do riacho homônimo, realizadas por grupos pré-coloniais, no período de 9.000 a 6.790 anos AP, quando o clima da região era tropical úmido.

Sabe-se que 90% dos acidentes com serpentes venenosas no Brasil têm como vítimas pessoas picadas por jararacas e 8%, por cascavéis. A partir desse dado, formula-se a hipótese de que as pinturas rupestres da Subtradição Sobradinho tenham sido realizadas por grupos pré-coloniais do Vale do São Francisco como marcadores de memória sobre o perigo que elas (a jararaca e a cascavel) representam nos boqueirões e grotas onde se encontram em abundância.

São frequentes os relatos de que as duas espécies de anfíbios provocam acidentes fatais nos rebanhos caprinos, ovinos e bovinos. Diz-se que há casos em que os criadores perdem várias cabeças desses animais, principalmente nos meses de abril e maio, quando elas saem de seus abrigos para acasalamento. (KESTERING; AQUINO; BEZERRA, 2014, p. 13).

Figura 16 - Representação metafórica da cascavel (outrora reconhecível)



Fonte: Kestering; Souza (2016, slide 10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antônio de Carvalho, cacique do povo Tamoquim, com residência junto ao Boqueirão do Riacho São Gonçalo, em Sobradinho - BA, diz agradecer, de coração, às pessoas que se ocupam em conhecer a história e pré-história de seus ancestrais. (Fig. 17). À jusante dessa geoforma onde se preservam 32 sítios com registro rupestre e restos de uma aldeia de ocupação milenar, plantaram-se os corpos de seu avô Honório, seu tio Romualdo e sua mãe Maria. “Não é por acaso que estamos aqui. Nós estamos aqui para dizer uma coisa: isso tem que ser preservado. Isso não pode ser deteriorado como estamos vendo muitas coisas por aí.” (CARVALHO, 2021).

Figura 17 - Conhecimento com senso de pertença ao modelo político nativo



Fonte: Acervo das Escolas do Campo de Sobradinho - BA (2021)

REFERÊNCIAS

CARVALHO. Antônio. **Interpretação das pinturas rupestres**. Entrevista concedida a representantes dos professores e estudantes das Escolas do Campo de Sobradinho - BA, 2021.

DIÁRIO DO SUL. **Catedral Diocesana de Tubarão**. 2015. Disponível em: http://diariodosul.com.br. Acesso: 26 jan 2022.

DIAS IRMÃO, Raimundo. **Coronel José Dias: sua vida e seu tempo**. Brasília: Edição do Autor, 2014.

DOCUMENTO DE MEDELIN. **Presença da Igreja na Atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio Vaticano II**. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Medellín, Colômbia, 1968.

DUARTE, Cinthia Martins Davis. **Temática Dominante nas Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no Município de Sento Sé – BA**. 2011. (Monografia). Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2011.

GÊNESIS. **O Pecado de Adão**. Disponível em: https://teologar.com.br. Acesso: 24 jan 2022.

ISTOCK. **Igreja Medieval, com Torre e Sino**. Disponível em: https://www.istockphoto.com/br. Acesso: 26 jan 2022.

KESTERING, Celito. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho - BA**. (2001). (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2001.

_____. **Estratégias de Conservação das Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, em Sobradinho, BA**. CLIO. Série Arqueológica, Recife, PE: UFPE, v. 1, n.16, p. 49-66, 2003.

_____. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho - BA**. 2007. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2007.

_____. **Arqueologia, Memória, Ciência e Poesia**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

KESTERING, Celito; AQUINO, Crisvanete de Castro; BEZERRA, Alvandyr. **Relatório Final do Projeto de Salvamento, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área do Parque Eólico Sobradinho - BA**. 2014. Disponível em: www.celitokestering.com.br. Acesso: 17 jan 2022.

KESTERING, Celito; SOUZA, Iderlan de. **Registros Rupestres e Representações Paleoartísticas**. Comunicação oral na VI Reunião da Associação Brasileira de Arte Rupestre. Canindé de São Francisco: ABAR, 2016. Disponível em: www.celitokestering.com.br. Acesso: 28 jan 2022.

KESTERING, Ducilene Soares Silva. Em Defesa da Serra Verde. In: KESTERING, Celito; AQUINO, Maria Socorro. (Org.). **Herdeiros Tatauí** (Prelo). São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

LOCAL GUIDES CONNECT. **Um caminho de fé: minha peregrinação (romaria) à Basílica de Nossa Senhora Aparecida**. 2018. Disponível em: https://www.localguidesconnect.com. Acesso: 26 jan 2022.

OLIVEIRA, Carlos Augusto Ferreira de. **A Cristandade: um modelo eclesial de poder**. fragmentos de Cultura, v. 21, n. 4/6, p. 309-318. Goiânia, 2011.

PUC-RIO. **A Eclesiologia do Vaticano II: um novo paradigma de compreensão**. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br. Acesso: 25 jan 2022.

RUSSELL, Beltrand. **Nosso Conhecimento do Mundo Exterior**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

SLATER, Jacob. **Explicação do Pequeno Catecismo**. Disponível em: http://jesusviaveritasetvita.blogspot.com. Acesso: 24 jan 2022

SHENNAN, Stephen. **Genes, Memes and Human History: darwinian archaeology and cultural evolution**. New York: Thames & Hudson, 2002.